

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Dezembro de 2021

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	6
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	9
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	14
METODOLOGIA.....	16

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) encerrou 2021 no nível pessimista ao situar-se em 50,0 pontos. Essa condição esteve presente em todos os meses do ano e diverge dos outros anos desde o início da pesquisa em 2010, exceto em 2018. Ainda, a insatisfação das famílias se consolidou neste ano em ciclos de mínimas históricas, sendo que os 12 piores resultados da série foram atingidos nesse exercício.

Nota-se que o movimento de retomada econômica e o avanço da imunização são insuficientes para reverter os níveis de satisfação dos consumidores aos encontrados na pré-crise, assim, todos os componentes do ICF seguem com variação negativa em relação a fevereiro de 2020, inclusive, estão em patamar pessimista.

Por outro lado, na comparação anual, alguns componentes reverteram as perdas frente a dezembro de 2020, sobretudo, quanto às expectativas futuras no âmbito profissional e de consumo, que estão 13,97% e 37,31% à frente daquele período, respectivamente.

No mês, o ICF voltou a reagir com alta de 0,88% frente ao mês anterior, interrompendo a trajetória de queda de quatro meses seguidos. Importante notar que não é possível inferir mudança de tendência com esse resultado, pois o que deve ter motivado a maior intenção de consumir das famílias foi a entrada em circulação do décimo terceiro salário.

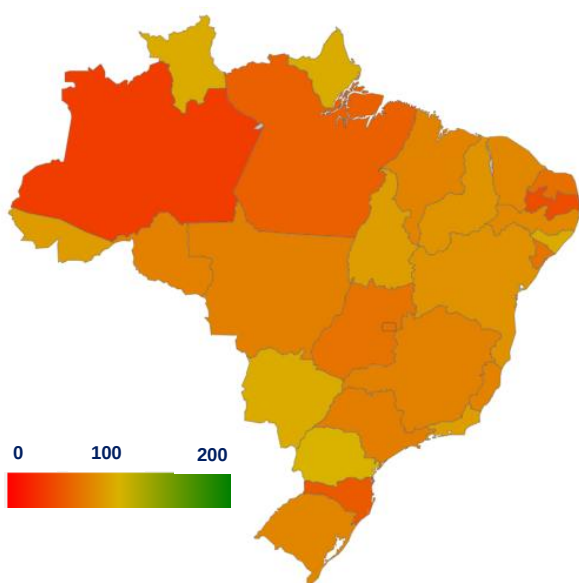
Ainda, o ano encerra com queda na passagem do mês para as expectativas profissionais (-0,09%) e de consumo (-3,37%). Esse resultado é um alerta, pois foram esses componentes que mitigaram maiores impactos negativos no ICF durante 2021. Por fim, o aquecimento do mercado de trabalho formal que tem reforçado a renda das famílias, por isso, os componentes de renda atual e emprego atual avançaram no mês 3,13% e 4,09%, respectivamente. Entretanto, a melhora no nível de renda pode ser comprometida com a alta dos preços e a consequente redução no poder de compra das famílias.

Intenção de Consumo das famílias catarinenses voltou a reagir, mas encerra 2021 no 2º menor nível da série histórica.

O indicador ficou em 50,0 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	Pré-pandemia (fev/20)	dez/20	nov/21	dez/21	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL - Igual período	VARIAÇÃO ANUAL - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	68,7	53,9	56,1	4,09%	-18,34%	-54,5%
Perspectiva Profissional	143,2	67,7	77,2	77,1	-0,09%	13,97%	-46,1%
Renda Atual	121,3	71,2	64,6	66,6	3,13%	-6,48%	-45,1%
Acesso ao Crédito	110,0	57,6	47,9	50,0	4,45%	-13,13%	-54,5%
Nível de Consumo Atual	92,2	33,4	7,4	7,5	1,29%	-77,66%	-91,9%
Perspectiva de consumo	111,1	52,1	54,2	52,3	-3,54%	0,30%	-53,0%
Momento para duráveis	83,2	29,3	41,6	40,2	-3,37%	37,31%	-51,7%
ICF	112,1	54,3	49,5	50,0	0,88%	-7,95%	-55,4%

Índice do ICF por Estado – Dez. 2021



A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) interrompeu trajetória negativa que perdurou por quatro meses seguidos, ao avançar 0,9% na passagem do mês. Embora o resultado seja positivo, a deterioração do consumo em 2021 foi elevada, assim, o índice encerrou o ano com o segundo menor nível desde o início da série histórica, iniciada em janeiro de 2010, ao situar-se em 50,0 pontos.

Durante o ano, o ICF oscilou em sete momentos de forma negativa, por isso, a variação média mensal do índice foi de -0,7%. Além disso, em todo o exercício de 2021 a confiança das famílias esteve no patamar negativo, condição que ocorre por 20 meses seguidos, desde abril de 2020, último período que o indicador esteve acima dos 100 pontos.

Esse movimento pessimista marcou o ano corrente e diverge de todos os outros períodos desde o início da mensuração da intenção de consumo, exceto

em 2018, quando o índice também esteve abaixo dos 100 pontos durante todos os meses. Entretanto, diferente daquele momento, o ICF não apresentou sinais de recuperação, por isso, se consolidou neste ano em ciclo de mínimas históricas, sendo que os 12 piores resultados da série histórica foram atingidos em 2021.

Nota-se que o cenário dos demais estados é similar a Santa Catarina em dezembro, pois todos estão situados no nível pessimista, ou seja, em termos absolutos estão abaixo dos 100 pontos, com exceção do estado do Paraná. Esse é um sinal de muita insegurança das famílias e das dificuldades ocasionadas pela aceleração dos níveis de preços e do aumento das taxas de juros, que corrói o poder de compra limitando o consumo e o crescimento econômico.

Ainda, no comparativo anual, o movimento de queda acontece pelo décimo oitavo mês sucessivo, ao reduzir 7,9% frente a igual período do ano anterior. Já ao analisar o desempenho atual com o período pré-pandemia, a deterioração é de 55,4%. Importante notar, que em fevereiro de 2020 o índice estava a 112,1 pontos, nível considerado otimista para o consumo.

Intenção de Consumo das Famílias (ICF) - SC



Em dezembro, o movimento positivo foi refletido nos indicadores de Acesso ao crédito (4,45%), Emprego atual (4,09%) e Renda Atual (3,13%) na passagem do mês, condições fortalecidas pela alta na geração formal de postos de trabalho no Estado e pelo equilíbrio orçamentário das famílias catarinenses. Nota-se também que o Nível de Consumo Atual cessou a trajetória negativa que durava por 20 meses seguidos, ao crescer 1,29%. Não é possível definir com esse resultado que o consumo possa voltar a crescer, pois o índice se encontra no 2º menor patamar da história, mas é um sinal de convergência com as perspectivas de consumos futuros, que estavam em movimento positivo.

Por outro lado, o impacto positivo no mês de dezembro foi mitigado em virtude da queda percepções de médio e longo prazo das famílias, tanto no âmbito de consumo quanto no profissional, quedas de 3,54% e 0,09% na passagem do mês, respectivamente. Esses resultados podem estar vinculados, às incertezas geradas no momento atual, sobretudo, a manutenção do crescimento econômico de 2022.

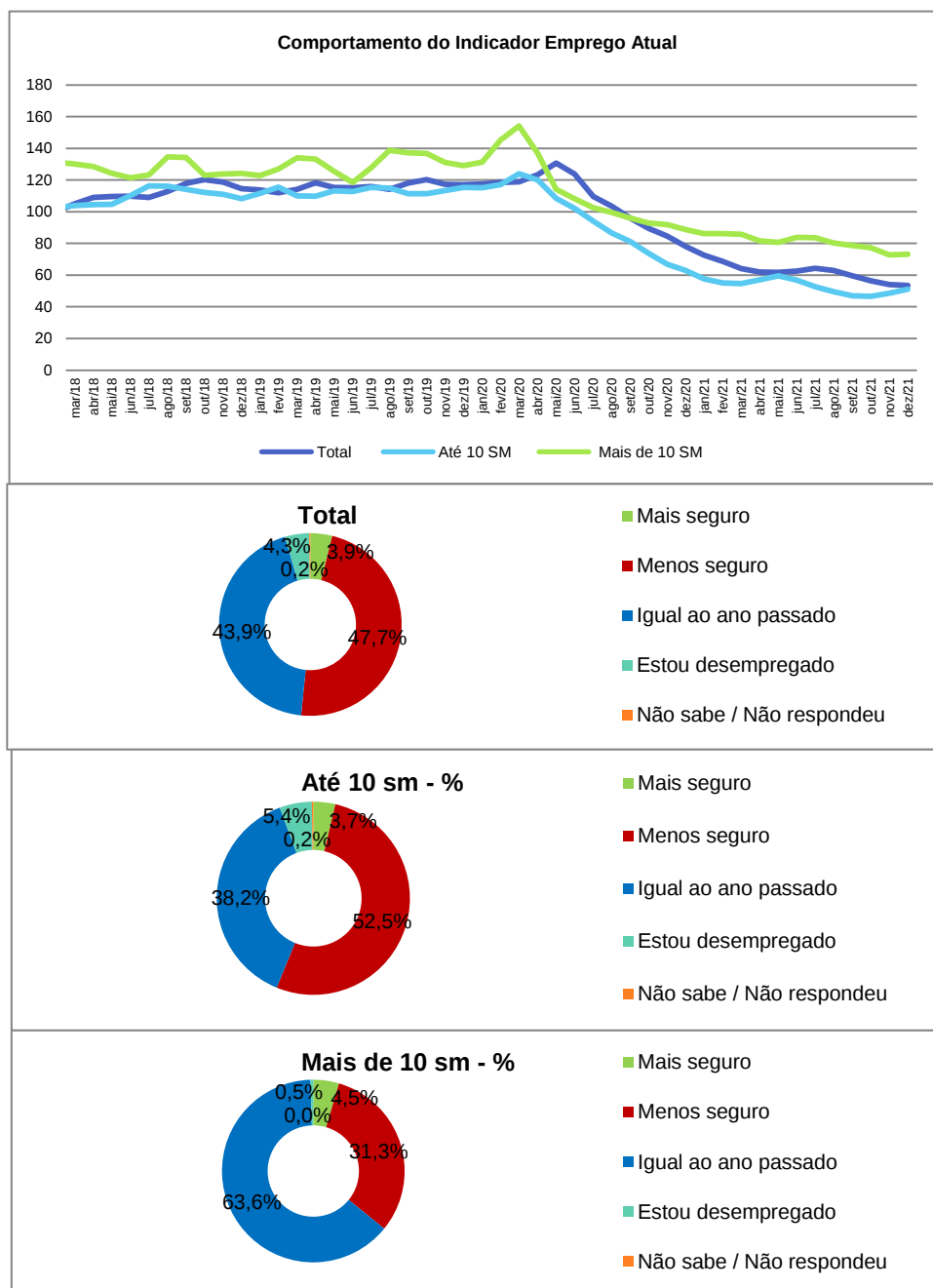
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina, também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** acelerou o movimento de recuperação com alta de 4,1% frente a novembro, segundo crescimento seguido, após renovar a mínima histórica em quatro momentos no segundo semestre de 2021. O resultado positivo foi insuficiente para modificar a condição dos consumidores que persiste pessimista, ao situar-se em 56,1 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200.

Durante todos os meses de 2021 as famílias estavam inseguras e com perspectivas negativas quanto ao emprego atual. Essa condição é a primeira vez que ocorre desde o início da pesquisa, mesmo nas crises anteriores, as famílias apresentaram momentos otimistas quanto ao emprego. Ao analisar o mesmo período do ano anterior, o índice segue em tendência negativa de 18,34% e está 54,5% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020).

A recuperação no mercado de trabalho está refletindo na redução na quantidade de desempregados desde janeiro do ano corrente, naquele momento 9,8% dos entrevistados indicavam estar nessa situação, enquanto no final do

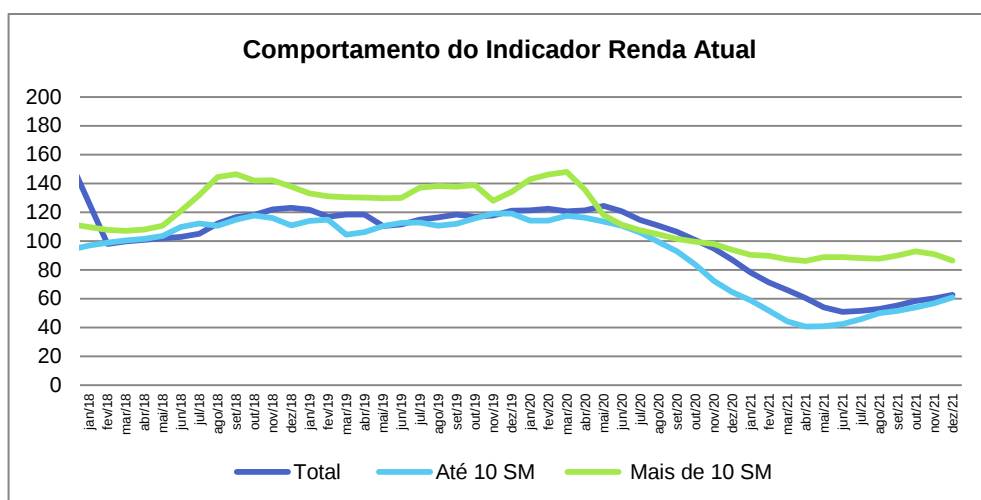


ano o resultado foi de 4,3%. Muito embora o mercado formal de emprego no Estado apresente evolução consistente com a criação de mais de 205,5 mil novos postos de trabalho entre janeiro e novembro de 2021 e taxa de desocupação em Santa Catarina mantém trajetórias de redução ao atingir 5,3% no 3º trimestre de 2021, queda de 0,6 pontos percentual diante do trimestre imediatamente anterior (5,8%), a insegurança das famílias ainda é alta.

Nesse contexto, 47,7% dos entrevistados indicam que estão menos seguros na permanência do Emprego Atual. Na comparação anual, houve acréscimo de 1,9 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior (45,8%). Em dezembro do ano passado, 14,6% dos entrevistados indicaram estar mais seguros com relação ao emprego, enquanto neste ano, apenas 3,9% afirmam essa condição. A insegurança das famílias quanto à manutenção do emprego é um indicativo da continuidade da crise e das incertezas sobre a manutenção da retomada econômica.

Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 51,2 pontos, aumento de 5,57% frente ao mês anterior. Já o ritmo das faixas acima de 10 SM cessou ciclo de redução ao crescer 0,69% na passagem do mês, após cinco meses de queda seguida. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (63,6%) para a permanência no emprego atual, enquanto 55,2% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O indicador da **Renda Atual** mantém trajetória positiva pelo oitavo mês consecutivo ao avançar 3,1% na passagem do mês. O movimento é o mais consistente dentre todos os componentes do ICF, entretanto, o resultado não foi suficiente para reverter o patamar pessimista do índice (66,6 pontos). O indicador segue o mesmo cenário do emprego, ao completar o primeiro exercício de 12



meses sempre abaixo dos 100 pontos. Ainda, considerando os 12 meses do ano, a média mensal foi negativa em 0,4%, por isso, no comparativo anual, o

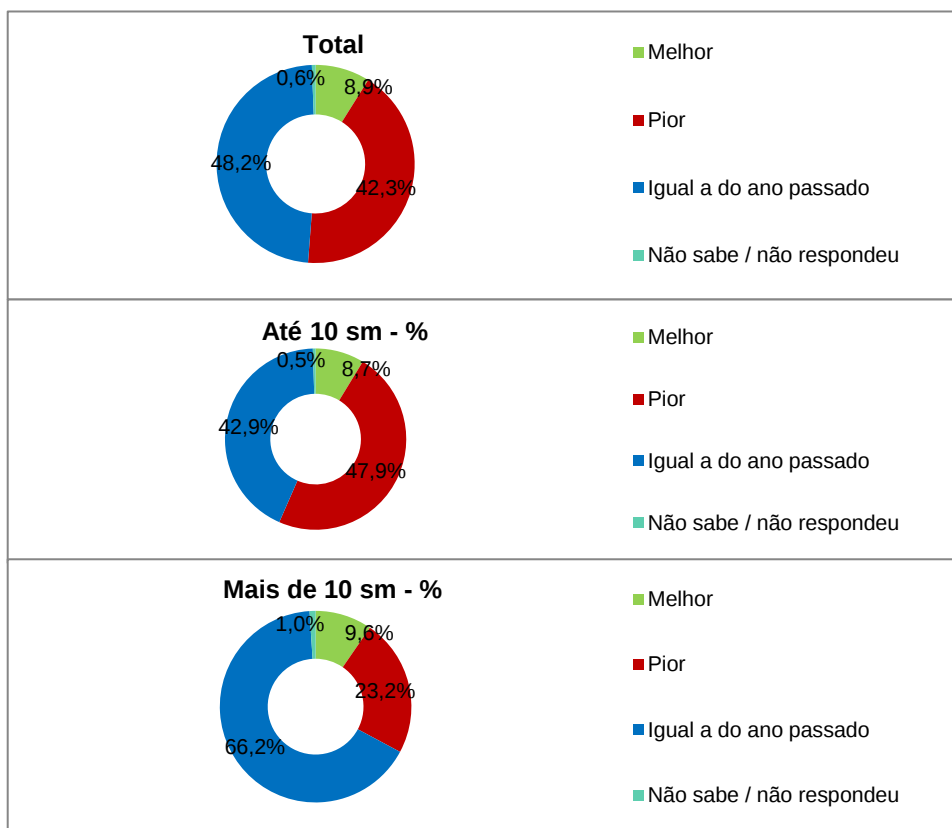
indicador apresenta queda de 18,3% e está 45,1% abaixo do nível pré-pandemia.

A criação dos postos de trabalho reforça a renda das famílias catarinenses, mas, observa-se que o avanço da renda não está sendo revertido na ampliação do consumo atual, que sofre a maior deterioração dentre os indicadores. Essa condição está associada às pressões inflacionárias, que

apesar de desacelerar em novembro, com alta de 0,95%, após variação de 1,25% no mês anterior, permanece em nível elevado no acumulado de 12 ao atingir 10,74%, maior patamar em 18 anos (11,02% - 2003) na comparação com igual período. No ano, o IPCA acumula alta de 9,26%. Ambos os resultados infringiram o limite máximo da meta de inflação definida para o ano de 2021 que foi de 3,75%, com margem de tolerância de 1,5 pontos percentuais, para mais ou para menos. Portanto, mesmo com a ampliação da renda, a inflação alta reduz o poder de compra e retarda o processo de retomada econômica.

Apesar da evolução no indicador, nota-se que o caminho para reverter as perdas da pandemia ainda é longo. São 42,3% dos entrevistados indicando estar com renda pior que no ano anterior, resultado muito superior ao registrado em fevereiro de 2020, naquele momento cerca de 21,9% das famílias afirmaram ter renda pior. Cenário equivalente para as famílias com renda melhor, antes da pandemia esse grupo era predominante entre os entrevistados (43,3%), já em dezembro de 2021 foi de apenas 8,9%.

Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 66,2% das famílias com renda maior, que afirmam ter renda equivalente ao ano anterior, enquanto a renda maior 47,9% indica piora na renda.

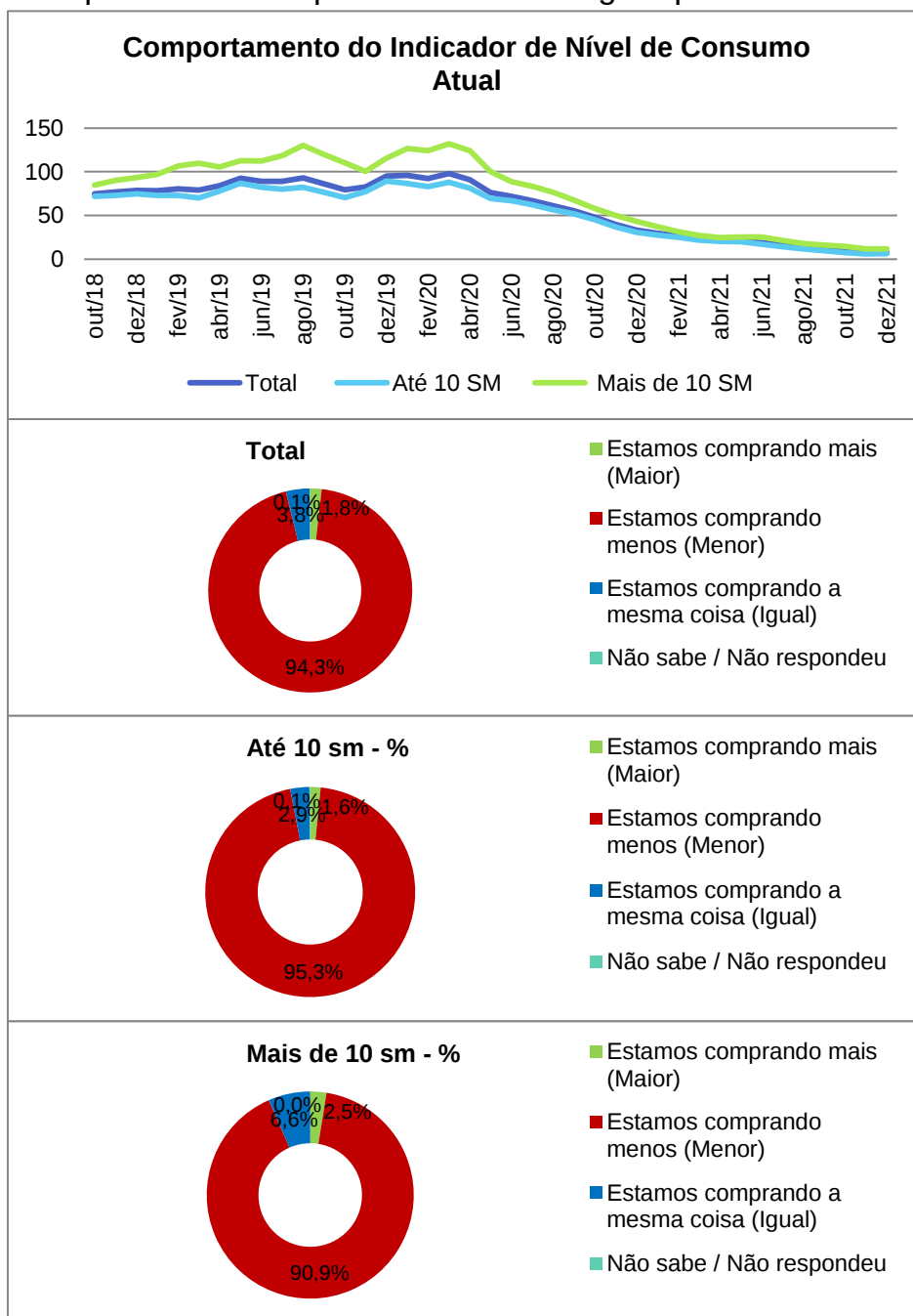


CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** é o componente com maior impacto negativo do ICF com perdas no comparativo anual de igual período de 77,66% e 91,9% diante de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). Em 2021, o índice sofreu forte deterioração, com média mensal negativa de 11,5%, assim, renovou a mínima histórica por quatorze meses consecutivos, o maior ciclo entre os indicadores do ICF na história da pesquisa.

Em dezembro, o índice interrompeu trajetória negativa que durava por vinte meses consecutivos ao subir 1,3%, mesmo assim, o cenário negativo persiste em termos absolutos ao situar-se em 7,5 pontos, o 2º menor da série. O panorama ainda é considerado extremamente preocupante e o resultado do mês pode ser momentâneo e estar vinculado a entrada em circulação do décimo terceiro

salário, que segundo pesquisa realizada pela entidade, incentiva maior consumo para bens e serviços, sobretudo, destinados para compras de Natal e viagens.



É interessante analisar que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também está em ciclo de mínimas históricas série neste mês em termos absolutos, alcançando 6,3 pontos na menor renda (2º menor da série) e 11,6 pontos na maior (1º menor da série). Na evolução mensal média dos últimos 12 meses o nível de consumo para a faixa de renda de até 10 SM apresentou variação de -12,5%, enquanto para as faixas maiores a evolução foi de -10,3%. Em termos de pontos, as faixas superiores de renda mantiveram-se em nível sustentadamente maior do que as faixas menores, movimento predominante que deve estar associado à precaução e represamento, com constituição de reservas em poupança e investimentos.

A aceleração na deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 94,3% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, equivalente em relação ao mês anterior e apenas 1,8% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação a igual período do ano anterior, onde 75,0% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 8,4% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é equivalente para ambos os grupos. São 90,9% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 95,3% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam menos compras. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores. Esse resultado é preocupante e indica que a retomada econômica pode ser freada se a intenção foi confirmada, situação que pode ser verificada na queda do volume de vendas do comércio varejista de Santa Catarina de agosto (-10,3%), setembro (-3,6%) e outubro (-0,8%). Em outubro, o efeito negativo aconteceu também em nível nacional (-0,1%) e em 17 unidades da federação. A desaceleração das atividades na maioria dos Estados mostra que os choques de preços estão afetando o poder de compra dos consumidores e famílias do país. Em Santa Catarina, pesquisa realizada pela entidade em outubro, apontou que 88,4% dos consumidores estão buscando alternativas para diminuir esse impacto, sendo que 38% estão reduzindo a compra de algum produto ou item, situação que afeta e reduz o volume de vendas no comércio.

O componente de **Acesso ao Crédito** estava em ciclo negativo desde maio de 2021, que coincide com o período de elevação da taxa de mercado. Esse resultado levou o indicador em termo absoluto a atingir o menor patamar da série histórica da pesquisa em outubro (47,1 pontos). Depois desse resultado, a trajetória foi cessada em novembro com o crescimento de 1,7% e acelerada em dezembro com alta de 4,5%. O resultado do mês não possibilita identificar mudança de tendência do indicador que permanece indicando perspectiva negativa das famílias para o acesso ao crédito ao situar-se em 50,0 pontos.

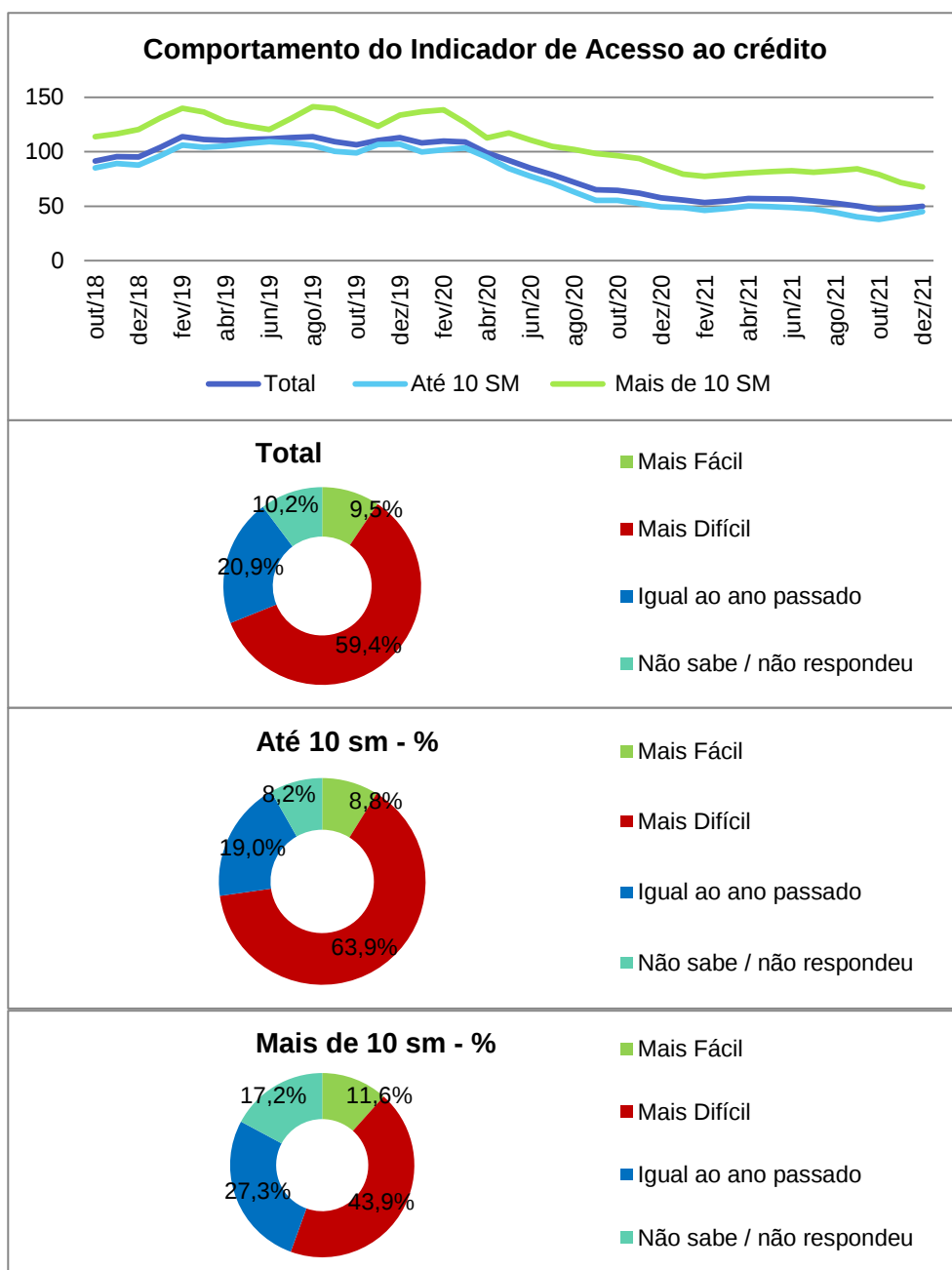
No comparativo anual a tendência negativa é mantida, com queda de 13,3% em relação ao ano anterior e o índice está a 54,4% do patamar pré-crise, o segundo mais impactado dentre os componentes do ICF. O cenário de dificuldades do crédito está atrelado em parte ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março deste ano, que resultou na elevação da taxa de 2,0% para 9,25% ao ano, acréscimo de 7,25 p.p. em um intervalo de dez meses.

O ciclo de alta deve continuar no próximo ano, já que o comitê prevê nova alta em igual magnitude na próxima reunião marcada para início de fevereiro de 2022, dessa forma, a

SELIC pode alcançar 10,75%. No âmbito das expectativas de mercado, o aperto monetário deve ser intensificado até atingir 11,25% em 2022.

Entretanto, a elevação não acontece de maneira repentina e as taxas de mercado levam um período mais longo para se adaptarem ao novo cenário. Por isso, o acompanhamento da trajetória de elevação dos juros de mercado é importante no planejamento de novos investimentos e para o fluxo de caixa das empresas.

Ao analisar os indicadores de crédito, nota-se que houve avanço na taxa média de juros das operações de crédito de 3,12 p.p, entre janeiro e outubro deste ano, saindo de 20,09% para 23,21% ao ano (a.a). No âmbito das taxas



para as pessoas jurídicas, a trajetória é similar (+ 3,26 p.p), atingindo 16,69% a.a. na competência de outubro.

Ainda, a taxa média para o capital de giro (total), instrumento importante para suprir os movimentos sazonais das empresas, cresce de forma mais acelerada e alcançou no mês de outubro 20,3% a.a., alta de 8,79 p.p frente a igual período do ano anterior (11,51%). Já o financiamento para aquisição de bens para pessoa jurídica está em média 32,61% ao ano na referência de outubro. No ano de 2017, nível equivalente da SELIC atual, essa taxa estava em média 92,06% a.a., diferença considerável e indicativo que a taxa tende a crescer durante os próximos meses, reduzindo investimentos.

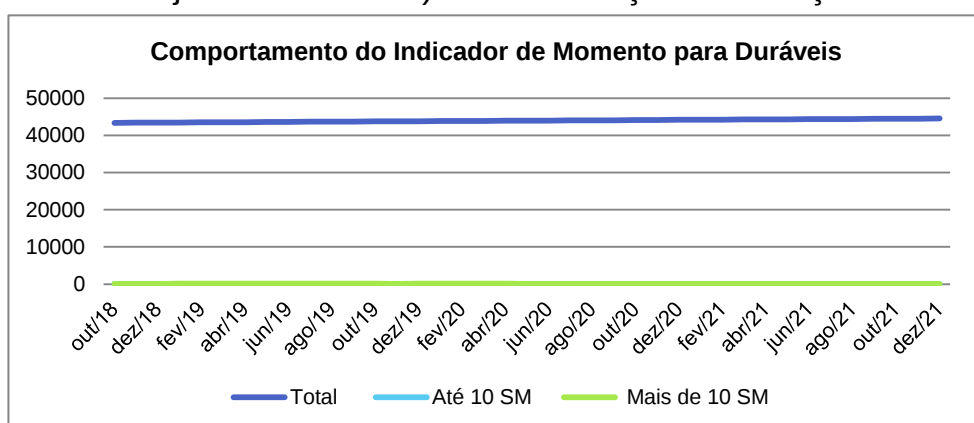
De todo modo, desde o início da pandemia o sistema financeiro elevou a liquidez para novos empréstimos e financiamentos, condição que ainda persiste. Além disso, as famílias catarinenses estão apresentando equilíbrio orçamentários durante o ano de 2021, resultado demonstrado na pesquisa de endividamento e inadimplência realizada pela entidade. Esses fatores impulsionaram a probabilidade de acessar o crédito ou realizar compras de bens e serviços de forma parcelada.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil teve leve redução de 1,0 p.p na passagem do mês, alcançando em novembro 59,4% dos entrevistados. Ao comparar com igual período de 2020 (58,1%), houve avanço de 1,3 p.p. Já a proporção de consumidores que acredita que a compra a prazo ou o acesso ao crédito está “Mais Fácil” encerrou o ano em torno de 9,5%, queda de 6,2 p.p. diante de igual período do ano anterior (15,7%).

O **momento para duráveis** fortalece a trajetória negativa ao retratar 3,4% na passagem do mês, depois de cair 3,3% no mês anterior. Essa é a quinta queda consecutiva depois do movimento de alta que se mantinha por seis meses seguidos (entre fevereiro e junho deste ano). Essa situação foi reforçada

em pesquisa realizada pela entidade no mês de agosto de 2021 que trata sobre o comportamento do consumidor catarinense para a realização de grandes compras, como carro, imóveis, moto, dentre outros. Dentre os entrevistados, 79,2% indicaram cautela ao afirmar que não pretendem adquirir algum desses produtos para os próximos seis meses.

Apesar da trajetória negativa, o componente permanece com variação positiva (3,0%) na média mensal do ano de 2021, assim, minimizando as perdas

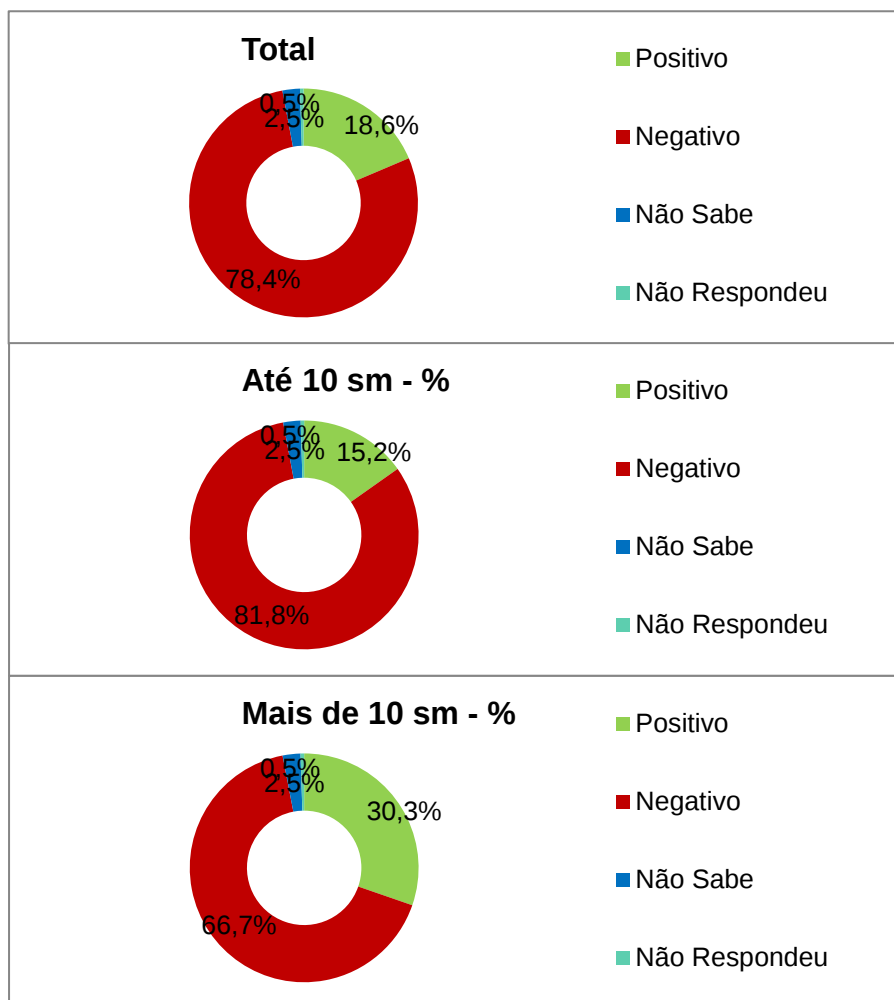


ocorridas nos meses anteriores. Ainda, o indicador momento para duráveis é o componente do ICF que mais reverteu à perda em relação ao ano anterior para igual período, situação que tinha sido alcançada no mês de agosto, mas acelerada para 37,3% em dezembro.

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 60 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O indicador finaliza o ano 40,2 pontos, após atingir a baixa recorde de 29,0

pontos em janeiro de 2021, considerando a série histórica iniciada em 2010. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos.

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 78,4%, similar aos observado nos meses anteriores 77,7% (novembro) e 76,9% (outubro). A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 18,6%, queda de 0,7 p.p diante do mês anterior. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.

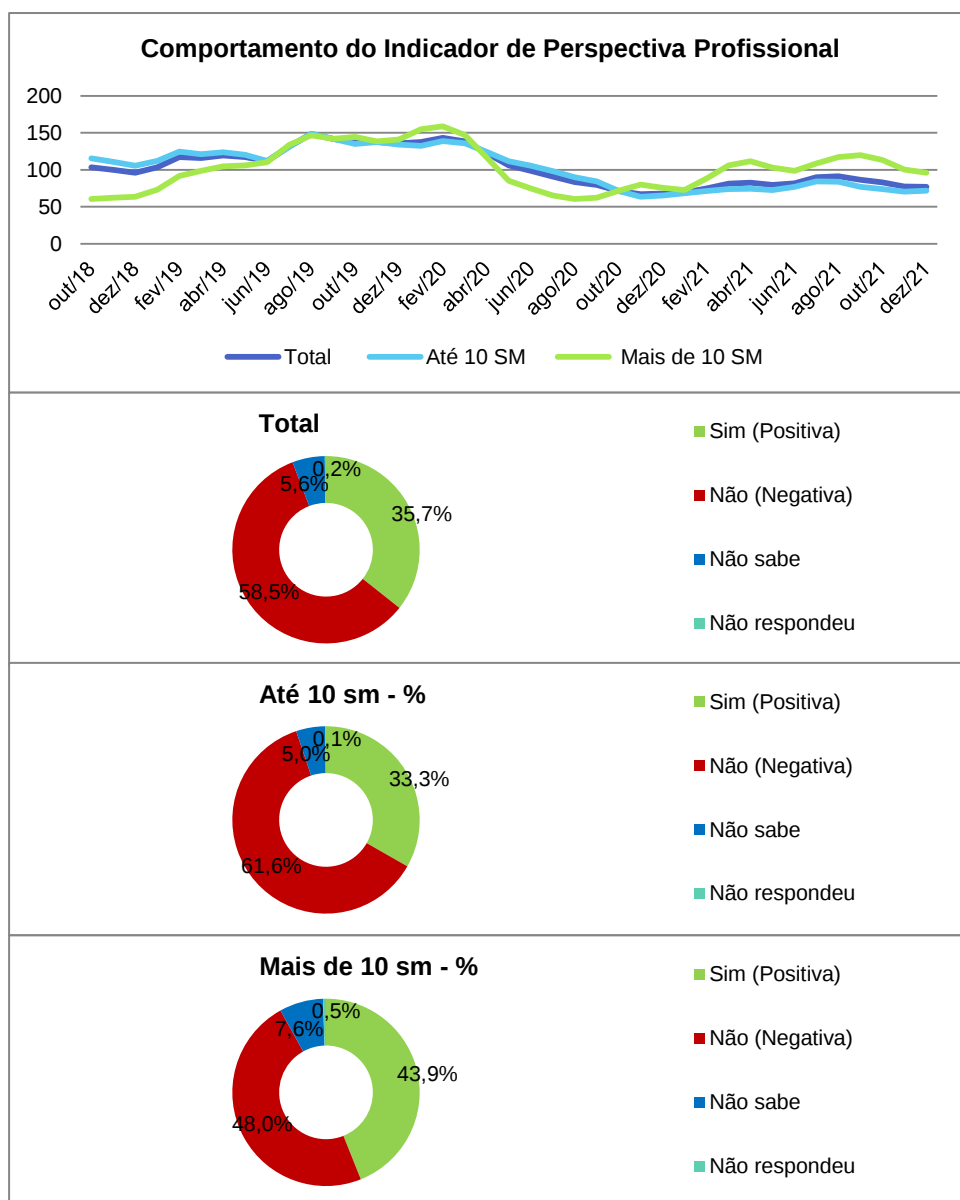


PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

O indicador de **perspectiva profissional** é o segundo componente do ICF com movimento negativo mais longo, desde setembro de 2020 apresenta quedas consecutivas, entretanto na passagem do mês desacelerou o efeito negativo ao diminuir 0,1%, depois de cair 6,8% em novembro e 4,2% em outubro.

Durante o ano de 2021, média mensal de crescimento foi positiva em 1,2%, inclusive, no primeiro semestre o movimento positivo chegou a elevar o índice em termos absolutos acima dos 90 pontos, quase rompendo o nível pessimista, mas o segundo semestre foi marcado pela redução no ritmo do crescimento econômico, resultando na insegurança das famílias. Assim, a perspectiva profissional encerra o ano em nível de percepção pessimista, ao situar-se em 77,1 pontos.

No comparativo com igual período do ano anterior, as famílias se mostram mais positivas ao permanecerem em tendência de crescimento, patamar alcançado no mês de agosto e depois de 15 meses consecutivos de quedas - assim o índice apresenta crescimento de 13,97% frente a dezembro de 2020.



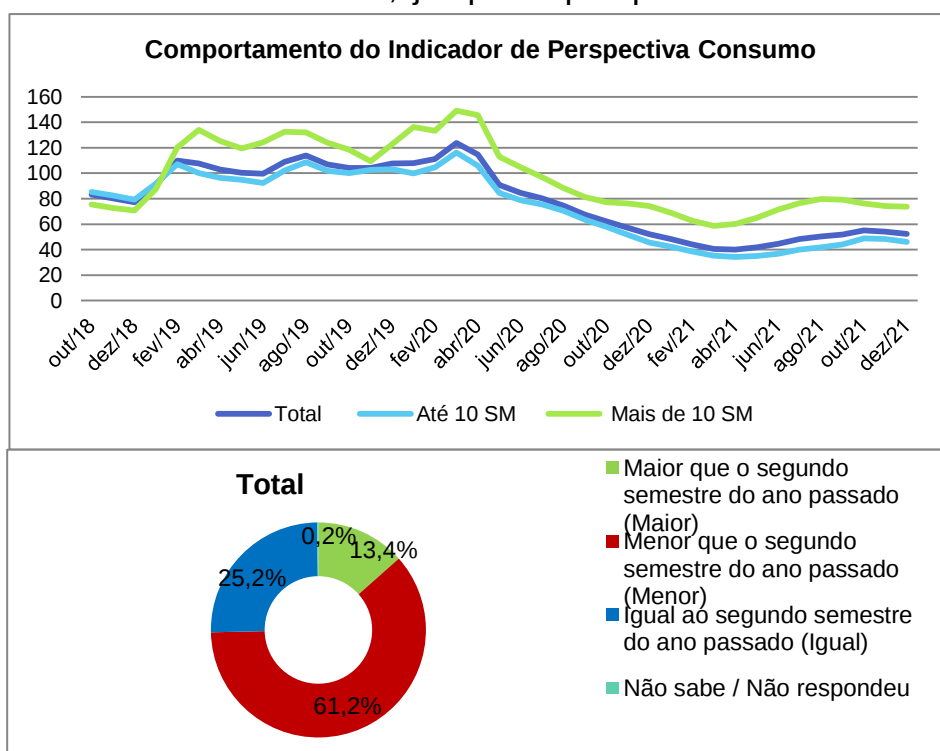
A maior parcela das famílias (58,5%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em dezembro de 2021, valor semelhante ao mês anterior, mas inferior ao mesmo mês de 2020 4,5 p.p., naquele momento 63% consideram negativas as expectativas profissionais.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Após reverter o patamar de confiança no mês de julho de 2021 ao ultrapassar 100 pontos, o índice sofreu a terceira queda seguida na passagem de 4,5%, assim, reverteu o patamar otimista para pessimistas em termos em pontos, já que o índice passou para 96,0 pontos em dezembro.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao encerrar o ano em 71,7 pontos. Nessa faixa de renda menor, 61,6% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 48,0% indicam perspectiva positiva.

A **perspectiva de consumo** acelerou a trajetória negativa ao reduzir 3,5% na passagem do mês, após cair 1,7% em novembro. Essa foi a segunda queda consecutiva do componente e é um sinal de alerta, pois eleva os riscos de deterioração do quadro do consumo das famílias, já que a perspectiva futura estava minimizando quedas maiores do ICF.

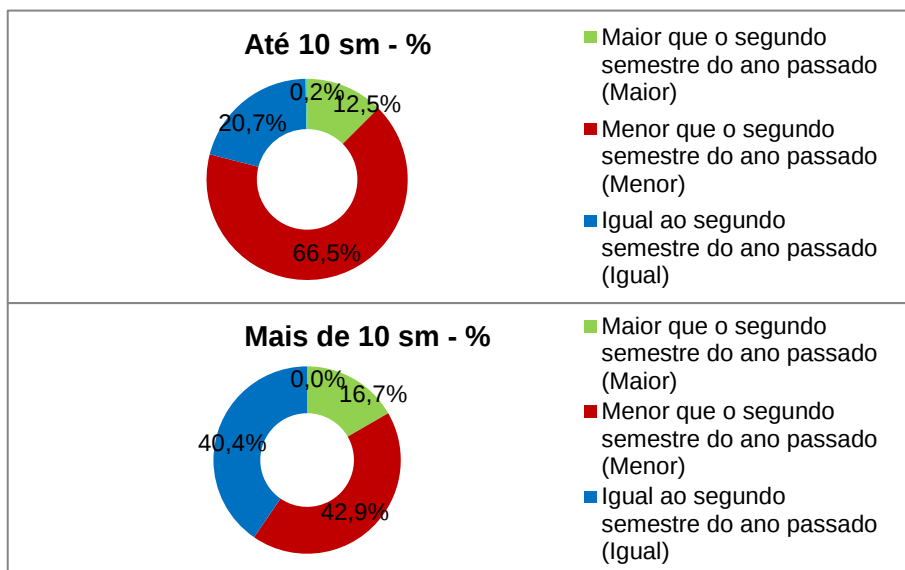
O ano é encerrado com as famílias com nível de confiança das famílias sobre o consumo futuro negativo ao considerar o índice em termos absolutos, ao situar-se em 54,2 pontos em dezembro. Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em



novembro de 2014. Além disso, o índice está 53,0% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem.

Para 61,2% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes são menores, valor superior ao apresentado no mês anterior (59,2%). Com

relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 66,5% das famílias têm previsão de consumo menor para os próximos meses.



METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiampitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.